

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TIAGO RANGEL NEVES

O DESEMPREGO DOS JOVENS NA UNIÃO EUROPEIA

CURITIBA

2016

TIAGO RANGEL NEVES

O DESEMPREGO DOS JOVENS NA UNIÃO EUROPEIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Economia, no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angela Welters

CURITIBA

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

TIAGO RANGEL NEVES

O DESEMPREGO DOS JOVENS NA UNIÃO EUROPEIA

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Economia, no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Angela Welters
Orientadora - Departamento de Economia, UFPR

Prof. Dr. Fernando Motta Correia
Departamento de Economia, UFPR

Prof. Dr. Huáscar Fialho Pessali
Departamento de Economia, UFPR

Curitiba, 30 de novembro de 2016.

Dedico este trabalho aos meus pais, ao meu irmão, à minha família, aos meus amigos e a todos que sempre estiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos familiares, amigos e professores que sempre me apoiaram e que acompanharam o meu crescimento pessoal e profissional ao longo desses anos que se passaram. Obrigado por todo incentivo e compreensão que foi me dado e espero que saibam o quão importante são para mim. Mais uma vez, muito obrigado.

O que deve caracterizar a juventude é a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça, a educação. São estas as virtudes que devem formar o seu caráter.

(SÓCRATES, ano desconhecido)

RESUMO

Esta pesquisa avaliou a taxa de desemprego dos jovens na União Europeia, suas características e medidas que foram tomadas visando sua redução. A explicação para o maior desemprego entre os jovens pode ser pelo fato de que a maioria dos empregadores preferem contratar pessoas com mais experiências para trabalhar, ou porque muitos jovens ainda estão estudando ou até mesmo porque alguns não terminaram os estudos e não conseguem concorrer a uma vaga de trabalho pelo seu baixo grau de escolaridade. O desemprego nesta faixa etária também pode ser reflexo dos problemas advindos da crise de 2008, que reduziu o crescimento econômico e teve sérios impactos nos países do bloco. Visando combater este problema, a Comissão Europeia propôs, em 2013, um conjunto de medidas para tentar reduzir a taxa de desemprego dos jovens. Estas medidas começam a ter resultados, haja vista a redução do desemprego, todavia, este permanece bem mais elevado se comparado à população adulta, demonstrando que sua superação depende também de um crescimento mais vigoroso que impacte mais positivamente no emprego. Além disso, pode-se observar que o desemprego masculino é maior que o feminino nesta faixa etária, bem como varia entre os países. Mesmo com uma queda a partir do ano de 2013, países como Itália, Croácia, Espanha e Grécia apresentaram taxas de desemprego bastante expressivas no ano de 2015. Já Alemanha, Áustria, Dinamarca e Holanda foram os países que apresentaram as menores taxas de desemprego dos jovens.

Palavras-chave: Desemprego. Jovens. União Europeia.

ABSTRACT

This research treated about the unemployment rate of young people in the European Union, its characteristics and measures that were taken to reduce it. The explanation for the higher unemployment among young people may be that most employers prefer to hire people with more experience to work, either because many young people are still studying or even because some have not finished school and are unable to compete for a job opportunity because of their low level of schooling. Unemployment in this age group may also be a reflection of the problems arising from the 2008 crisis, which reduced economic growth and had serious impacts on the countries of the bloc. In order to combat this problem, the European Commission proposed in 2013 a set of measures to try to reduce the youth unemployment rate. These measures are starting to show results in view of the reduction of unemployment, but this remains much higher than in the adult unemployment rate, demonstrating that its overcoming also depends on more vigorous growth that has a more positive impact on employment. In addition, it can be observed that male unemployment is higher than female unemployment in this age group, as well as it varies between countries. Even with a fall from 2013 onwards, countries such as Italy, Croatia, Spain and Greece showed very significant unemployment rates in the year of 2015.

Key-words: Unemployment. Youth. European Union.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – DESEMPREGO GLOBAL DOS JOVENS (MILHÕES E %)	23
GRÁFICO 2 - DESEMPREGO JOVENS X ADULTOS EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DA UE	25
GRÁFICO 3 – COMPARAÇÃO DO DESEMPREGO DOS JOVENS EUROPEUS EM 2010 E 2015 (%)	28
GRÁFICO 4 - DESEMPREGO DOS JOVENS POR CONCLUSÃO DE ENSINO NA UE	30
GRÁFICO 5 - ESCOLARIDADE X GÊNERO DOS JOVENS DA UE (%) - 2015.....	33

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DESEMPREGO DOS JOVENS NA UE REFERENTE À POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (%).....	26
TABELA 2 - CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA UE (%).....	28
TABELA 3 - NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS NA UE (%).....	29
TABELA 4 - JOVENS DA EU PERTENCENTES AO GRUPO DOS NEET (%) – 2015	31
TABELA 5 - NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DA UE POR ESCOLARIZAÇÃO (%) – 2015.....	33

LISTA DE SIGLAS

ELGPN	-	European Lifelong Guidance Policy Network
EU	-	European Union
ILO	-	International Labour Organization
NEET	-	Not in education, employment, or training
OECD	-	Organisation for Economic Co-operation and Development
PIB	-	Produto Interno Bruto
UE	-	União Europeia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O DESEMPREGO	15
3	O DESEMPREGO DOS JOVENS NA UNIÃO EUROPEIA	23
4	MEDIDAS DA UNIÃO EUROPEIA PARA COMBATER O DESEMPREGO DOS JOVENS	36
5	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS.....	40
	ANEXO A – CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA UE (%).....	42
	ANEXO B – NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO DA UE POR ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015	43
	ANEXO C – NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO FEMININO DA UE POR ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015.....	44

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Claudia Fernandes (2008), importantes transformações tecnológicas e sociais, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias vem crescendo constantemente desde o início do século XXI. Assim, os jovens deste século cresceram se adaptando com a intensidade e a velocidade dessas mudanças. E por isso, eles são considerados representantes daquilo que é novo e como importante meios de transformações sociais em todas as sociedades. Então, deve-se realizar uma análise mais rigorosa desta fase da vida considerando que os jovens lidam com experiências heterogêneas e complexas que podem ser caracterizadas através de suas potencialidades e vulnerabilidades, que acabam dificultando o processo de transição dos jovens para a vida adulta. Uma destas dificuldades é o desemprego, que veio crescendo mundialmente a partir de 2008 tanto para os jovens quanto para os adultos. (ILO, 2015).

Segundo o escritório de estatística da União Europeia (2016), a situação do desemprego dos jovens na UE em 2015, era mais expressiva que a dos adultos. Então esta pesquisa tem como objetivo analisar o desemprego dos jovens na União Europeia, suas consequências e possíveis soluções.

A crise do emprego jovem é uma ameaça para a coesão social e para a estabilidade política. Reduz os potenciais de crescimento e desenvolvimento, diminui a inovação e criatividade na economia, e ameaça a sustentabilidade da solidariedade intergeracional e dos regimes de pensões. Está a comprometer a confiança dos jovens homens e mulheres nos paradigmas políticos atuais e na possibilidade de um futuro melhor. (GENEBRA, 2012, p. 121).

Assim, esta pesquisa pretende discutir a taxa de desemprego dos jovens na União Europeia, suas características e medidas que foram tomadas visando diminuir esta taxa. Para isso, será abordada a taxa de desemprego dos 28 países pertencentes à União Europeia (buscando separá-las entre as pessoas de 15 a 24 anos, gênero e educação), contrapondo-as com a média da UE. Esta análise será realizada através de cinco capítulos: a introdução; o capítulo 2, que abordará o que é o desemprego segundo a teoria econômica; o capítulo 3, que apresentará os dados e análises referentes ao desemprego dos jovens na UE; o capítulo 4 que irá informar as medidas

para diminuir o desemprego dos jovens que foram propostas em 2013 pela Comissão Europeia; e por último, a conclusão.

2 O DESEMPREGO

Para ser realizada uma melhor análise do desemprego dos jovens, é necessário compreender o que se é entendido como desemprego pelas diferentes teorias econômicas, assim como suas características e explicações, que serão apresentadas neste capítulo.

David Ricardo (1772-1823), segundo Brue (2005), foi a principal figura na promoção do maior desenvolvimento das ideias da escola clássica. Ele mostrou como era possível utilizar os métodos abstratos de raciocínio para formular as teorias econômicas.

Ricardo se baseava na lei dos mercados de Say para defender sua posição a respeito da relação existente entre a oferta e a demanda. Essa lei diz que “a oferta cria sua própria demanda”. Ou seja, o processo de geração de bens cria o salário de eficiência, o lucro e a renda para comprar os bens. Os possíveis surgimentos de pessoas desempregadas em determinadas épocas poderiam ser explicados por causa de um desajuste temporário. E isso seria corrigido quando os trabalhadores aceitassem de livre espontânea vontade salários menores que os empresários estariam ofertando. (BRUE, 2005).

Os economistas clássicos, S. Mill, Ricardo, Malthus, defensores da teoria do salário determinado pelo custo de subsistência, vinculavam a absorção de mão-de-obra, ao montante do Fundo de Salários, ou capital variável, disponível para contratar trabalho. Como os salários eram pagos do capital, quanto maior a acumulação do mesmo, maior seria o nível de emprego. (OCIO, 1995, p. 6).

No modelo clássico, a demanda por trabalho é caracterizada pela existência de firmas com competição perfeita e que escolhem os produtos que vão ofertar, buscando sempre maximizar os seus lucros. No curto prazo, o produto varia somente por causa da alteração que pode ocorrer no insumo trabalho. Se a demanda por trabalho diminuir, o salário real irá aumentar, pois o empresário estará procurando maximizar o seu lucro. Já se o salário real diminuir, a demanda por trabalho irá aumentar, uma vez que o empresário terá mais dinheiro para poder contratar mais funcionários. Assim, ele poderá produzir mais e aumentar o seu lucro. (FROYEN, 2013).

Já a oferta de trabalho é baseada pela ideia de que há uma tentativa de maximizar a utilidade do trabalhador, gerando assim, um *trade-off* entre lazer e renda. Isto ocorre, pois, os indivíduos são livres para determinar seu tempo entre lazer e trabalho. Ou seja, eles possuem a liberdade para escolher quantas horas por dia vão abdicar do seu tempo de lazer para trabalhar. Assim, a renda aumenta com mais trabalho e diminui o tempo disponível para lazer. (FROYEN, 2013).

Segundo Proni (2015), ao final da Revolução Industrial, Ricardo reconhecia que o aperfeiçoamento dos modos de produção era prejudicial à classe trabalhadora por dispensar trabalhadores na agricultura e na indústria inglesa. Afirmava que mesmo com a inclusão das máquinas no sistema produtivo tornando dispensáveis as mãos-de-obra especializadas, o desemprego gerado no curto prazo poderia ser anulado no longo prazo conforme o processo de acumulação de capital fosse avançando. Assim, seria prejudicial inibir a introdução das máquinas pois isso, faria com que a produção não aumentasse e com que os capitalistas investissem em outras nações, deixando de criar novos empregos no país.

... o desemprego causado pela introdução de inovações tecnológicas devia ser visto como um preço necessário a ser pago para o progresso da nação. (Ricardo apud PRONI, 2015, p. 4).

Em oposição a essa ideia de Ricardo, o modelo de Karl Marx (1818 – 1883) propõe que, por meio das inovações organizacionais e tecnológicas, a acumulação de capital expulsa as pessoas dos seus postos de trabalho. Resulta então, a queda dos salários abaixo de seu valor ou o aumento da intensidade e da jornada de trabalho para aqueles que se mantiveram empregados. (HARVEY, 2013).

A demanda de trabalho não é idêntica ao crescimento do capital, e a oferta de trabalho não é idêntica ao crescimento da classe trabalhadora, como se fossem duas potências independentes a se influenciar mutuamente. *Les dés sont pipés* (os dados estão viciados). O capital age sobre os dois lados ao mesmo tempo. (MARX, 2013, p. 715).

Ou seja, o capital acaba criando a demanda para o trabalho quando reinveste, mas também pode administrar a oferta de trabalho por meio de reinvestimentos em tecnologias que produzem desemprego e poupam trabalho. Essa habilidade de agir em ambos os lados da equação de oferta e demanda, acaba contradizendo totalmente o jeito como o mercado deveria atuar. (HARVEY, 2013).

David Harvey (2013) alega que o uso de tecnologias acaba eliminando postos de trabalho, fazendo com que o capitalismo produza pobreza. Isso faz com que haja uma criação de um excedente relativo de trabalhadores (desemprego). Então, segundo o autor, uma massa permanente de trabalhadores desempregados é socialmente necessária para que a acumulação continue a se expandir.

A “*Lei do Movimento*” do Capitalismo de Marx afirma que a mão de obra é a origem de todo o valor e que a exploração dos trabalhadores faz com que a mais-valia aumente. Já a acumulação de capital é um resultado da concorrência entre os capitalistas, causando o desemprego tecnológico, queda da taxa de lucro e crises comerciais. Estas consequências geram concentração de riqueza, centralização de capital, aumento da pobreza e do nível de desemprego. (BRUE, 2005).

Ao analisar as ideias de Ricardo e Marx sobre o desemprego, deve-se levar em consideração a situação socioeconômica da época e entender que, conforme exposto anteriormente, as características do desemprego eram diferentes por serem contextualizados durante a época da Revolução Industrial.

Já Keynes tentou explicar na sua *Teoria Geral*, a persistência da alta taxa de desemprego na década de 1930, que foi marcada pela queda da produção industrial e do nível geral de preços. Para isso, ele era contrário a “Lei de Say”, contradizendo assim, as ideias de Ricardo. (PRONI, 2015).

Segundo Domingo Zurrón Ocio (1995), Keynes admite em sua Teoria Geral que o desemprego é um fenômeno conjuntural, resultante da deficiência da demanda agregada que é responsável pela ocupação parcial da capacidade produtiva. Então, os trabalhadores que não possuem uma demanda para as suas produções, continuarão desempregados de uma maneira “involuntária”, independentemente se aceitarem ou não.

No modelo Keynesiano, tem-se um *trade-off* envolvido entre desemprego e inflação. Elevadas taxas de crescimento da demanda efetiva equivalem a baixos níveis de desemprego e altas taxas de inflação. Então, um crescimento mais lento da demanda agregada indica uma menor taxa de inflação, mas com uma taxa de desemprego mais elevada. Assim, políticas de demanda agregada focam em estabilizar o produto e o emprego no longo prazo. (FROYEN, 2013).

Do mesmo modo, a teoria de Friedman explica as relações de curto e longo prazo entre desemprego e inflação e, assim como no modelo Keynesiano, os ofertantes de trabalho não possuem conhecimento do salário real.

Friedman acreditava que, ao longo de um período mais amplo, forças de equilíbrio fazem os níveis de produto e emprego retornarem a sua taxa natural. Não é possível, na visão de Friedman, o governo usar uma política monetária para manter a economia permanentemente em um nível de produto que segure a taxa de desemprego abaixo da taxa natural; ... (FROYEN, 2013, p. 251).

Então, era esperado que a baixa mobilidade da mão de obra de um país conduziria a uma elevação na taxa natural de desemprego, pois uma vez que a demanda se deslocasse de uma região para outra, os trabalhadores não se deslocariam na mesma velocidade. E, como os cidadãos dos países que pertencem à União Europeia possuem a livre circulação entre os países da união, eles possuem uma maior facilidade em se deslocar para o país que estiver com uma maior (ou mais atraente) oferta de trabalho (se a pessoa em questão tiver o conhecimento da língua falada do país ofertante). Com isso, segundo Froyen (2013), a taxa natural em cada país será estabelecida pelas características estruturais dos mercados de trabalho e de bens desse país.

O desemprego se manifesta de forma diferenciada na sua magnitude segundo as regiões, países, indivíduos e outras características. E, segundo Hélio Zylberstajn e Giácomo Neto (1999), devem existir vários modelos que procuram explicar o desemprego, da mesma forma que devam existir diversas medidas político-econômicas que tentam diminuí-lo.

Há vários motivos pelo qual uma pessoa possa estar desempregada. Ela pode ter pedido demissão de um emprego para poder procurar outro e se registrar como desempregado até encontrar um emprego que julgue melhor; a pessoa pode estar acabando de entrar no mercado de trabalho, assim como os estudantes e jovens que estão procurando o seu primeiro emprego; ela pode ser demitida porque a empresa fechou; ela pode ter sido dispensada temporariamente devido a uma redução sazonal no nível de atividade econômica. Ou seja, o desemprego pode ter diversas causas, podendo ser de origem de demanda, estrutural, sazonal e ficcional. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

O desemprego causado pela escassez da demanda agregada, para Hélio Zylberstajn e Giácomo Neto (1999), ocorre devido a uma redução no número de vagas e/ou por uma menor chance de encontrar uma vaga, mesmo havendo pessoas habilitadas para as mesmas. Já o de origem estrutural é a parte da taxa de desemprego que não volta ao mercado após um ciclo econômico. Segundo os

autores, essa situação acontece quando não há um “*matching*” entre as características e habilidades que as empresas estão procurando e as que os indivíduos estão ofertando. Causando assim, um desequilíbrio no mercado de trabalho.

De acordo com Hélio Zylberstajn e Giacomo Neto (1999), o desemprego sazonal por causa das flutuações do nível de emprego que acontecem dentro do período de um ano são pertencentes à atividade econômica. Então, no ponto de vista econômico, isso não é um problema significativo por ser um desemprego com características facilmente previsíveis e localizadas. Agora, segundo os autores, o desemprego friccional acontece porque tanto os trabalhadores, quanto as empresas, necessitam de um tempo para que o *matching* aconteça e que tenham informações o suficiente para que possam estabelecer um contrato entre eles. Zylberstajn e Neto (1999) afirmam que esse tipo de desemprego é temporário, e que se relaciona com as mudanças de desemprego dos trabalhadores.

Enfim, o desemprego pode ser causado de diversas maneiras e nem sempre ele pode ser previsto. Mas para descrever e determinar o desemprego de uma maneira mais fácil de ser analisado, com o intuito de criar medidas político-econômicas para combatê-lo, são criadas as teorias do desemprego.

No artigo “*As Teorias de Desemprego e as Políticas Públicas de Emprego*” feito em 1999 por Hélio Zylberstajn e Giacomo Balbinotto Neto, os autores tratam das teorias do desemprego, que são elas: deslocamentos setoriais, “*job search*”, substituição intertemporal, sinalização e histerese.

A teoria dos Deslocamentos Setoriais defende que o desemprego propende a se elevar de uma maneira significativa por causa da redistribuição da mão-de-obra entre os setores da economia, fazendo com que haja um aumento nas taxas de extinção de vínculos de empregos. Então, a taxa de desemprego cresce por causa da baixa probabilidade que os trabalhadores possuem para arrumar um novo emprego de uma maneira mais rápida. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

A principal hipótese desta teoria é que os indivíduos que estão buscando emprego não possuem as qualificações necessárias para preencher as vagas existentes. Quando a economia cresce, há uma significativa dispersão nas taxas de crescimento do emprego entre os diversos setores, o que provoca um desequilíbrio no mercado de trabalho decorrente das habilidades requeridas pelas empresas e ofertas pelos indivíduos desempregados. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999, p.144)

Com isso, o modelo tenta explicar a maneira que o desemprego estrutural consegue aparecer em um mercado competitivo e descentralizado.

Já a teoria do “*Job Search*” (busca de emprego), tem como objetivo explicar o desemprego em um mercado competitivo, onde tanto as pessoas, quanto as empresas, possuem informações incompletas sobre o mercado de trabalho. Esse modelo ressalta a importância das agências de emprego e do aperfeiçoamento do sistema de informação do mercado de trabalho como ferramentas contra o desemprego. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

Modelo baseado no lado da oferta, indicado para explicar por que os trabalhadores aceitam ou recusam empregos, a partir de hipóteses sobre seu comportamento no mercado de trabalho. (PRONI, 2015, p. 17).

O trabalhador acaba enfrentando o dilema entre realizar uma busca de trabalho mais demorada e se beneficiar dos benefícios dessa escolha (como um salário mais elevado ou um emprego com as características que ele estava procurando) e os custos da procura (referente ao período em que ele permaneceu desempregado e não teve renda). (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

De acordo com David Lilien e Robert Hall (1986), a teoria de Substituição Intertemporal é formada através da ideia de que tanto o lazer disponível no presente quanto o disponível no futuro, são substitutos. E mesmo com a oferta de trabalho sendo inelástica no longo prazo, ela pode acabar se tornando elástica no curto prazo. Assim, segundo os autores, as pessoas acabariam alocando o seu tempo conforme a taxa de salário vigente no mercado, trabalhando menos quando os salários estivessem baixos e mais quando os salários estivessem mais elevados. Então, quando a taxa de salário real fosse menor, os trabalhadores seriam induzidos a trocar o lazer futuro pelo lazer presente, já que ele atualmente é barato. Com isso, essa teoria defende que parte do desemprego observado durante o ciclo econômico é voluntário. Pois, assumir-se-ia que o trabalhador iria optar em utilizar o seu tempo disponível no trabalho quando o salário fosse maior e iria optar pelo lazer quando o salário fosse menor. Logo, a oferta de trabalho iria se reduzir em períodos de recessão já que os trabalhadores poderiam usufruir dos benefícios do seguro-desemprego. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

Já na teoria da Sinalização, segundo Ching-to Albert Ma e Andrew M. Weiss (1993), o desemprego aparece por causa da informação assimétrica que existe entre

os trabalhadores qualificados e as firmas, tentado explicar então, o desemprego dos trabalhadores qualificados. Os autores afirmam que quando um trabalhador qualificado trabalha em um emprego “desqualificado”, isso acaba prejudicando a “imagem” deste trabalhador perante às demais empresas, ou seja, acaba criando um “mal sinal”. Então, estes trabalhadores tendem a recusar certos empregos que eles julguem “desqualificados”, para que não sejam vinculados à uma má imagem.

E por último, Proni (2015), afirma que a teoria da Histerese surgiu nos anos 80 como tentativa de descrever as altas taxas de desemprego nesta época. Essa teoria tenta explicar o desemprego de longo prazo e suas razões para se manter elevado, e sugere também, que a taxa de desemprego demonstra histerese, ou seja, quanto maior for a taxa de desemprego, maior ela tende a ficar.

Existem três principais razões para a existência da histerese: a generosidade do sistema de seguro-desemprego, que faz com que os trabalhadores fiquem desanimados a procurar um novo emprego; o alto grau de sindicalização, que faz com que os trabalhadores sindicalizados procurem empregos com salários mais elevados em relação àqueles que não são; as políticas de emprego na Europa Ocidental, que punem os empregadores que gostariam de demitir os trabalhadores. Assim, os empregadores ficam mais críticos ao analisar a necessidade de realizar uma nova contratação, pois, sabendo que eles seriam punidos caso quisessem demitir algum funcionário, eles só iriam contratar se sentissem confiança na situação econômica do período, gerando assim, desemprego no longo prazo. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

A histerese do desemprego afirma que as elevadas taxas de desemprego tentem a se auto propagar com o tempo, pois a pessoa desempregada pode se acostumar com o estilo de vida que tem e se contentar apenas com os benefícios que o seguro-desemprego pode oferecer e/ou as pessoas desempregadas podem ficar desanimadas com a situação e acabam desistindo em procurar novas oportunidades. Já os empregadores, podem acabar ficando preocupados em contratar esses trabalhadores, sendo que quanto maior tempo de desemprego, maiores são as chances dessas pessoas perderem as habilidades e “*know how*” em relação à área. Fazendo com que quanto maior período de desemprego uma pessoa possuir, mais “indesejável” ela pode se tornar para uma determinada empresa que esteja procurando trabalhadores. (ZYLBERSTAJN e NETO, 1999).

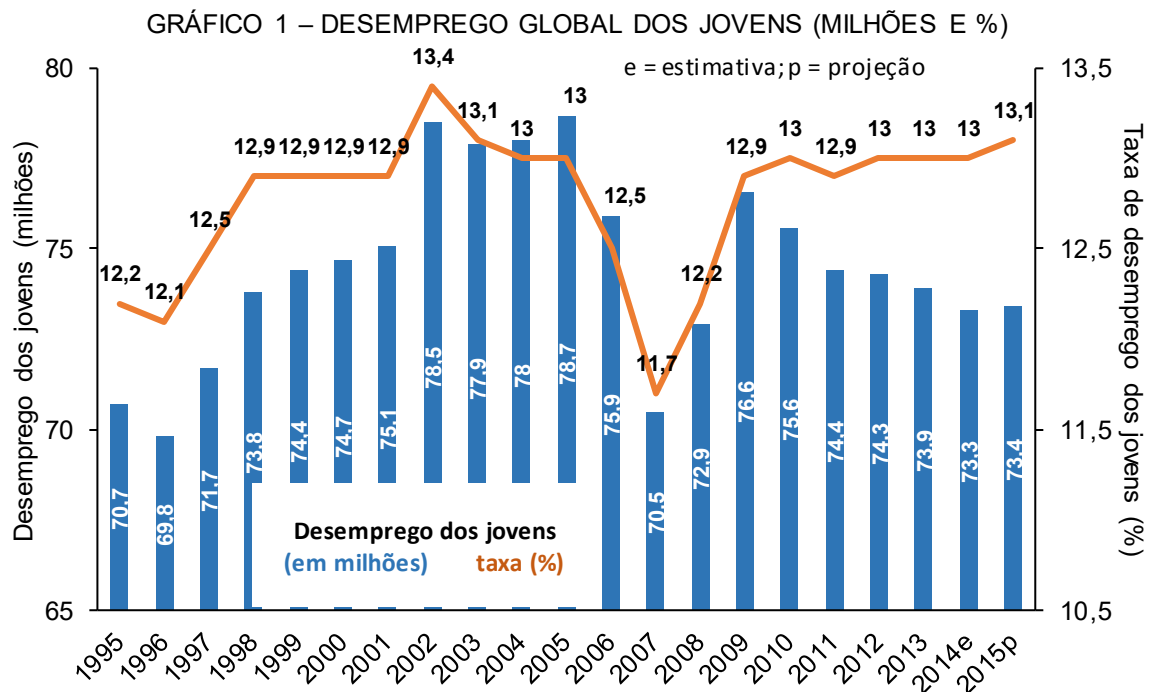
Neste capítulo foram apresentados alguns pensamentos, teorias que buscam explicar a taxa de desemprego. Dentre eles, é interessante destacar o contraste entre os pensamentos de Ricardo, Marx e Keynes. Como já informado anteriormente, Ricardo é a favor da Lei de Say, de que o desemprego é gerado por causa de algum desajuste temporário e de que existe um *trade off* entre lazer e trabalho. Marx, por sua vez, afirma que a acumulação de capital e as inovações tecnológicas produzem o desemprego, diminui o salário, aumenta a carga de trabalho e conseqüentemente, diminui o tempo de lazer. E, por último, Keynes que contradizendo com a ideia de Ricardo, defendia que o desemprego é involuntário porque se trata de um fenômeno conjuntural. Assim, mesmo que em muitos aspectos as ideias de Ricardo e Marx ainda explicam o comportamento do emprego, deve-se ter precaução ao analisar a atual situação do desemprego dos jovens na União Europeia, pois se tratam de duas épocas distintas e, conseqüentemente, de duas realidades socioeconômicas diferentes.

Então, para analisar o desemprego dos jovens na União Europeia, será utilizada a linha de pensamento sobre o desemprego de Keynes, a teoria da histerese e o desemprego estrutural pois considerando a atual situação, acredito que seja a melhor maneira de interpretar o que está acontecendo e tentar entender suas presentes e futuras conseqüências na vida dos jovens e na sociedade em que vivem.

3 O DESEMPREGO DOS JOVENS NA UNIÃO EUROPEIA

Segundo um estudo realizado pela International Labour Organization (ILO), evidências de crises anteriores sugerem que, após uma crise, se leva na média de quatro a cinco anos da volta do crescimento econômico para que a taxa de desemprego retorne para o nível que era antes da crise. A recuperação do emprego para os jovens pode levar ainda mais tempo. (ILO, 2015).

O (GRÁFICO 1) indica o desemprego global dos jovens e a taxa de desemprego dos mesmos entre os anos de 1995 a 2015.



FONTE: ILO (2015). Elaboração própria.

Tem que se ter uma maior atenção com a falta de emprego para os jovens, pois leva a um fenômeno chamado de *scarring*. Este termo é usado para descrever como as dificuldades dos jovens em arranjar um emprego podem desencadear problemas de longo prazo, ou seja, como esses “problemas precoces” podem interferir na confiança, caminho e metas dessas pessoas. (OECD, 2014).

There is new evidence that the duration of unemployment determines chances of obtaining a job interview. This effect can be expected to be stronger when labour markets are relatively tight and is therefore of growing concern once

labour markets recover. (KROFT, LANGE e NOTOWIDIGDO apud OECD, 2014, p.20).

Os mais afetados pelo crescimento do desemprego são as pessoas que não possuem uma recente experiência de trabalho, os “*low-skilled prime-age workers*”, já que a procura por eles é menor. Quem está ofertando a vaga vai procurar alguém com experiência, fazendo com que aumente o número de desemprego e aumentando o número de “*job seekers*”, aqueles que já estão procurando emprego há certo tempo. (OECD, 2014).

O desemprego entre os jovens é uma dificuldade crescente e que está presente em todos os países, mas com características econômicas e sociais diferentes devido à situação em que o país em questão se encontra. O desemprego traz consequências de longo prazo para o jovem, para a economia e para a sociedade onde vive.

De acordo com o relatório da Rede Europeia para as Políticas de Orientação ao Longo da Vida (ELGPN), redigido por Deirdre Hughes e Tibor Bors Borbély-Pecze em 2014, ao longo dos últimos anos a transição dos jovens das escolas para o trabalho veio se tornando cada vez mais longa e complicada.

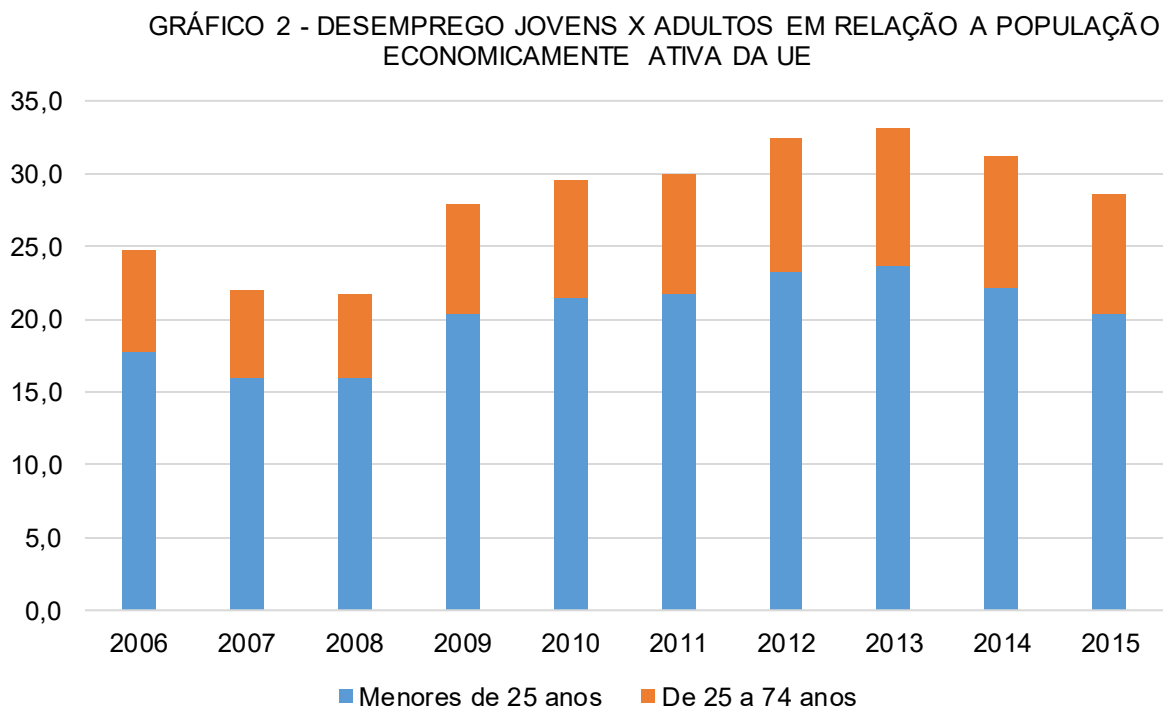
Estudos sobre a Mão-de-obra Nacional (Hoffman, 2011) indicam que o desemprego jovem tem vindo a aumentar em todos os países da EU desde 2008, com a percentagem de jovens (abaixo dos 25 anos) à procura de trabalho a variar dos 7% na Áustria e 8% nos Países Baixos para quase 50% na Grécia e na Espanha. (HUGHES e BORBÉLY-PECZE, 2014, p. 4).

A gravidade desse assunto não está apenas com o tempo que o desemprego irá durar ou o seu nível, mas está relacionada cada vez mais com a queda constante da qualidade dos empregos disponíveis aos jovens. Este problema toma uma importância maior, pois a crise do emprego dos jovens pode deixar de ser uma evolução transitória vinculada a um fraco crescimento econômico e passe a ser uma questão estrutural se não houver as devidas mudanças nas políticas adotadas pelos países. (GENEBRA, 2012).

A taxa de crescimento do PIB da União Europeia no ano de 2015 foi de 2,2%, superando os resultados dos anos anteriores (-0,5% em 2012, 0,2% em 2013 e 1,6%

em 2014)¹ (EUROSTAT, 2016). Apesar desta melhora, o desemprego continuou elevado na região.

De acordo com o Eurostat, entre 2008 e 2009, a taxa de desemprego dos jovens em relação à população economicamente ativa da União Europeia cresceu em 4,4%, já a taxa das pessoas entre 25 a 74 anos, cresceu apenas a uma taxa de 1,7%. Esta tendência permanece até o ano de 2013, quando a taxa de desemprego chegou a 23,7% para os jovens e 9,5% para as pessoas entre 25 a 74 anos, conforme apresentado no (GRÁFICO 2).



FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Não obstante, a queda da taxa de desemprego após 2013, nota-se que o desemprego entre os jovens continua sendo maior que o dos adultos. Isto é muito preocupante, pois em 2015, a taxa de desemprego dos jovens foi de 20,3%, sendo que a taxa dos adultos foi de 8,3%. Ou seja, a cada dez jovens, aproximadamente 2 estavam desempregados. Já nos adultos, este patamar é significativamente menor. Então, é importante analisar esta situação devido ao fato de que a maioria dos jovens

¹ Consultar tabela disponibilizada pelo Eurostat no Anexo A.

estão recém entrando no mercado de trabalho e não possuem uma maior experiência profissional como os adultos que também se encontram desempregados.

Segundo Charles R. Bean (1994), a rigidez dos mercados de trabalho pode justificar a elevação da taxa de desemprego nos países europeus.

“A number of authors have pointed to the possible adverse effects of European labor market regulations and interventions. First a number of European Community countries have relatively generous minimum wage provisions. (...)” (BEAN, 1994, p. 595).

Uma das políticas de regulamentação do mercado de trabalho na União Europeia é a determinação de elevadas indenizações obrigatórias por rescisões de contrato e isso pode acabar desestimulando a demanda por trabalho das firmas. (FROYEN, 2013).

Além da rigidez e da regulamentação do mercado de trabalho já citadas, tem-se também que as medidas políticas-sociais de cada país pertencentes à união podem contribuir com o conformismo dos desempregados em viver apenas com o auxílio oferecido pelo governo.

Nesta pesquisa foi adotado que a faixa etária dos jovens é entre 15 a 24 anos. Consultando os dados disponibilizados pelo escritório de estatística da União Europeia, Eurostat, foi elaborada a TABELA 1.

TABELA 1 - DESEMPREGO DOS JOVENS NA UE REFERENTE À POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (%)

(continua)

PAÍSES	2010	2011	2012	2013	2014	2015
União Europeia	21,4	21,7	23,3	23,7	22,2	20,3
Alemanha	9,8	8,5	8,0	7,8	7,7	7,2
Áustria	9,5	8,9	9,4	9,7	10,3	10,6
Bélgica	22,4	18,7	19,8	23,7	23,2	22,1
Bulgária	21,9	25,0	28,1	28,4	23,8	21,6
Chipre	16,6	22,4	27,7	38,9	36,0	32,8
Croácia	32,4	36,7	42,1	50,0	45,5	43,0
Dinamarca	13,9	14,2	14,1	13,0	12,6	10,8
Eslováquia	33,9	33,7	34,0	33,7	29,7	26,5
Eslovênia	14,7	15,7	20,6	21,6	20,2	16,3
Espanha	41,5	46,2	52,9	55,5	53,2	48,3
Estônia	32,9	22,4	20,9	18,7	15,0	13,1
Finlândia	21,4	20,1	19,0	19,9	20,5	22,4
França	23,3	22,7	24,4	24,9	24,3	24,7
Grécia	33,0	44,7	55,3	58,3	52,4	49,8

(continuação)

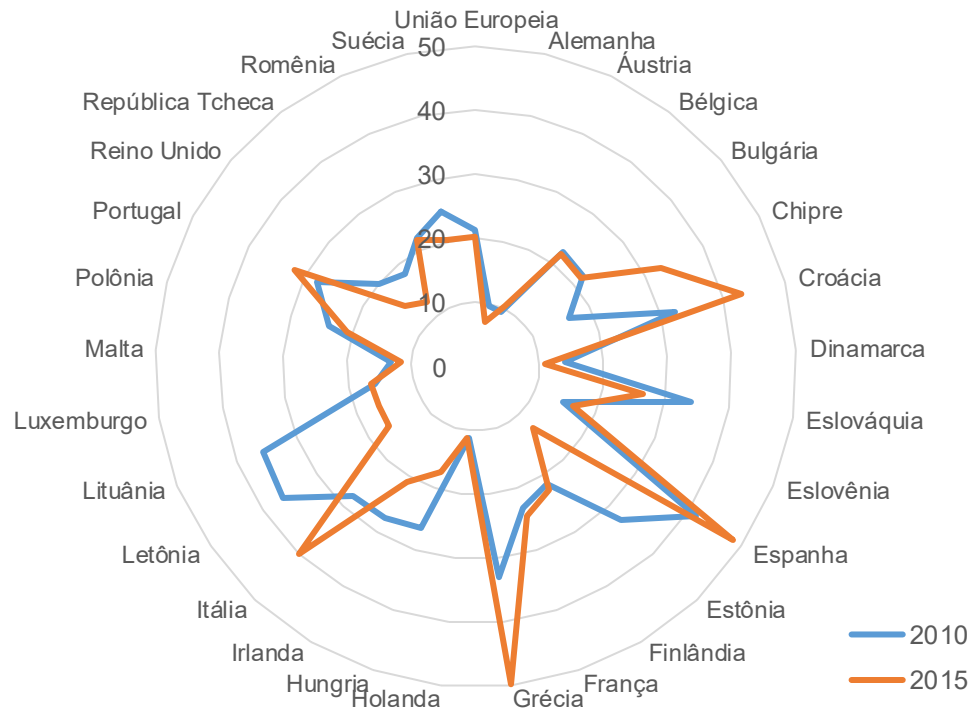
PAÍSES	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Holanda	11,1	10,0	11,7	13,2	12,7	11,3
Hungria	26,4	26,0	28,2	26,6	20,4	17,3
Irlanda	27,6	29,1	30,4	26,8	23,9	20,9
Itália	27,9	29,2	35,3	40,0	42,7	40,3
Letônia	36,2	31,0	28,5	23,2	19,6	16,3
Lituânia	35,7	32,6	26,7	21,9	19,3	16,3
Luxemburgo	15,8	16,4	18,0	16,9	22,3	16,6
Malta	13,2	13,3	14,1	13,0	11,7	11,8
Polônia	23,7	25,8	26,5	27,3	23,9	20,8
Portugal	28,2	30,2	38,0	38,1	34,7	32,0
Reino Unido	19,9	21,3	21,2	20,7	17,0	14,6
República Tcheca	18,3	18,1	19,5	18,9	15,9	12,6
Romênia	22,1	23,9	22,6	23,7	24,0	21,7
Suécia	24,8	22,8	23,7	23,6	22,9	20,4

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Ao analisar a TABELA 1, nota-se que em 2015, a Alemanha foi o país da União Europeia que apresentou o menor nível de desemprego dos jovens em relação à população economicamente ativa (7,2%). Já a Itália (40,3%), Croácia (43%), Espanha (48,3%) e Grécia (49,8%), apresentaram os maiores níveis de desemprego. Ou seja, os níveis destes países são, aproximadamente, duas vezes maiores que o nível geral de desemprego dos jovens da União Europeia (20,3%). A diferença entre os países com os maiores níveis de desemprego em relação à Alemanha (que apresentou o menor nível), é muito significativa.

Como pode ser analisado na TABELA 1, entre os anos de 2010 e 2015, existem países cujas taxas de desemprego recuam bastante, enquanto outros em que o desemprego continua aumentando, apesar da tendência geral ser de queda. Esta evolução este sendo retrada no GRÁFICO 3, onde mostra que países que possuem um maior PIB, possuem uma menor taxa de desemprego e os países em que houve um aumento do desemprego, são países que possuem uma menor diversificação produtiva.

GRÁFICO 3 – COMPARAÇÃO DO DESEMPREGO DOS JOVENS EUROPEUS EM 2010 E 2015 (%)



FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Conforme indicado no GRÁFICO 3, Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Itália e Portugal apresentaram maiores taxas de desemprego dos jovens no ano de 2015 do que em 2010. E, ao analisar a taxa de crescimento do PIB destes países nos anos de 2010 e 2015, tem-se que: (TABELA 2)

TABELA 2 - CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA UE (%)²

PAÍSES	2010	2015
União Europeia	2,1	2,2
Chipre	1,3	1,7
Croácia	-1,7	1,6
Espanha	0,0	3,2 (p)
Grécia	-5,5	-0,2 (p)
Itália	1,7	0,7
Portugal	1,9	1,6 (p)

* (p) provisório.

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Então, tem-se que Chipre, Croácia, Espanha e Grécia permaneceram com o desemprego elevado mesmo havendo um aquecimento na economia. Ou seja,

² Tabela completa das taxas de crescimento anual do PIB dos países da UE, encontra-se no ANEXO A.

mesmo apresentando um crescimento anual do PIB maior em 2015 que em 2010, a taxa do desemprego dos jovens não diminuiu. Já Itália e Portugal obtiveram uma queda em suas taxas de crescimento anual do PIB de 2010 para 2015 e a taxa de desemprego dos jovens acabou aumentando.

Um dos fatores que interferem no nível de desemprego de um país e que provavelmente deve estar contribuindo para essa grande diferença apresentada é o nível de escolarização de cada país. A TABELA 3 apresenta os níveis de escolarização dos jovens na União Europeia.

TABELA 3 - NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS NA UE (%)

GEO/TIME	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Less than primary, primary and lower secondary education (levels 0-2)	49,1	48,6	48,1	47,3	45,2	44,4	43,8	44,6	44,7
Upper secondary and post-secondary non-tertiary education (levels 3 and 4)	43,9	44,2	44,5	44,9	46,4	46,7	47,1	46,1	46,0
Tertiary education (levels 5-8)	7,1	7,3	7,5	7,9	8,4	8,9	9,2	9,3	9,3

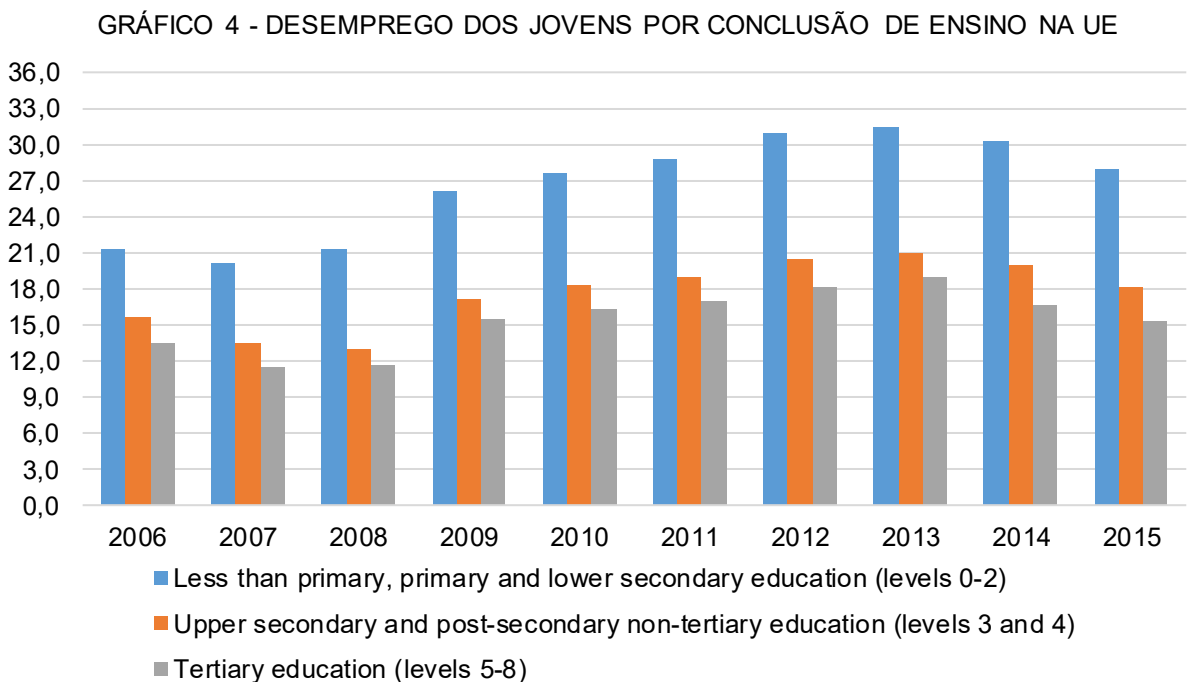
Levels 0-2: de 0 a 8 anos de estudo; *Levels 3 e 4:* de 9 a 11 anos de estudo; *Levels 5-8:* de 12 ou mais anos de estudo.

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Sabe-se que os sistemas educacionais são de responsabilidade e competência de cada país integrante da União Europeia e, por isso, existem diferenças referentes aos métodos de educação e formação dos jovens em cada país. Então, na tentativa de ilustrar de uma maneira mais eficiente a situação do nível de escolaridade dos jovens na UE, o Eurostat classificou os níveis de educação em oito. Do nível de zero a dois representa o que eles chamaram de *less than primary, primary and lower secondary education*, do três ao quatro de *upper secondary and post-secondary non-tertiary education* e do nível cinco ao oito, de *tertiary education*. Deve ser considerado que, por a faixa etária adotada nesta pesquisa ser entre 15 e 24 anos, os jovens que estão no começo desta faixa não podem ter ensino superior ainda. Então, a composição percentual destas faixas de idade em cada país pode influenciar o “tipo” de jovem que está sendo tratada.

Com isso, nota-se que em 2015, apenas 9,3% dos jovens da União Europeia possuíam ensino superior (*tertiary education*) e a sua grande maioria, 46%, possuía apenas o segundo grau ou técnico completo. Ao analisar a TABELA 3 é importante

notar também, a evolução do nível de escolarização dos jovens. Pois de 2007 a 2015, houve um aumento de 2,2% do número de jovens que possuíam o terceiro grau completo e uma queda de 4,4% dos jovens que possuíam menos que o primeiro grau, o primeiro grau ou um segundo grau inferior. Mesmo com essa “melhoria”, a quantidade de jovens com ensino superior completo continua sendo pequena ao ser comparada com os demais níveis de ensino. E, na atual situação, o desemprego dos jovens com ensino superior é menor quando comparado ao demais, conforme mostra o GRÁFICO 4.



FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Analisando o GRÁFICO 4, nota-se a significativa diferença que existe entre a porcentagem de jovens desempregados que possuem menos que o primeiro grau, o primeiro grau ou um segundo grau inferior (*levels 0-2*) com os demais jovens que possuem mais escolaridade, confirmando assim, o que foi afirmado no parágrafo anterior (de que o desemprego dos jovens com ensino superior é menor quando comparado ao demais). Então, deve-se garantir que os jovens tenham acesso à educação de qualidade e que os capacitem de uma maneira que ao entrarem no mercado de trabalho, possam encontrar demanda para a mão-de-obra deles.

Também existem aqueles jovens que não trabalham, não estudam e não estão em formação. Estes são conhecidos no Brasil como “nem-nem” e em inglês

como NEET (sigla de *not in education, employment, or training*). Os NEET são um grupo diferenciado, assim como os desafios que enfrentam dentro e entre os países da União Europeia. Muitos dos jovens que integram esse grupo são jovens que acabaram abandonando a escola de uma maneira precoce por diferentes motivos e também são jovens que não possuem uma perspectiva de inserção futura no mercado, mesmo se tendo uma melhor formação. Estes jovens que não possuem expectativas referentes aos seus futuros, acabam se sentindo inferiores, como se não pertencessem à sociedade em que vivem, ficando à margem dela e isso acaba dificultando mais ainda eles a terem acesso à educação ou a um emprego. (OECD, 2016).

TABELA 4 - JOVENS DA EU PERTENCENTES AO GRUPO DOS NEET (%) – 2015

PAÍSES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
União Europeia	11,8	12,3	12,0
Alemanha	5,4	7,0	6,2
Áustria	7,7	7,3	7,5
Bélgica	12,5	11,8	12,2
Bulgária	18,6	20,0	19,3
Chipre	15,9	14,7	15,3
Croácia	21,0	15,8	18,5
Dinamarca	6,3	6,1	6,2
Eslováquia	13,3	14,2	13,7
Eslovênia	9,9	9,1	9,5
Espanha	16,4	14,9	15,6
Estônia	9,0	12,8	10,8
Finlândia	11,5	9,6	10,6
França	12,4	11,5	12,0
Grécia	17,1	17,2	17,2
Holanda	4,6	4,7	4,7
Hungria	10,4	12,8	11,6
Irlanda	14,9	13,7	14,3
Itália	21,9	20,8	21,4
Letônia	9,4	11,7	10,5
Lituânia	9,1	9,3	9,2
Luxemburgo	6,6	5,7	6,2
Malta	9,6	11,1	10,4
Polônia	11,2	10,8	11,0
Portugal	10,4	12,2	11,3
Reino Unido	9,8	12,4	11,1
República Tcheca	5,5	9,5	7,5
Romênia	15,0	21,4	18,1
Suécia	6,9	6,5	6,7

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

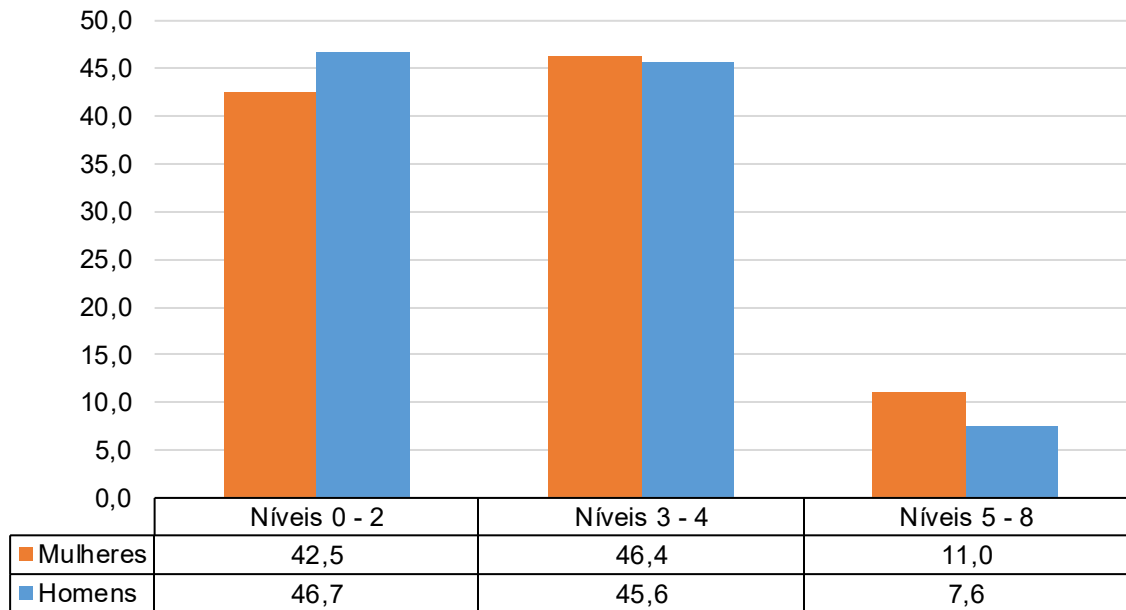
Analisando a TABELA 4 tem-se que no ano de 2015, a média de jovens da UE que pertenciam ao grupo dos NEET era de 11,8% do sexo masculino, 12,3% do sexo feminino, totalizando uma média de 12% dos jovens da União. Sendo que o país que apresentou o maior percentual de jovens do sexo feminino foi a Romênia (21,4%) – vale ressaltar que existe uma diferença bastante significativa em relação à quantidade de jovens do sexo masculino do país que também se encontram na mesma situação (15,0%) – e o país que apresentou o maior percentual do sexo masculino foi a Itália (21,9%). Já os países que possuem mais jovens pertencentes ao grupo dos NEET foram: Itália (21,4%), Bulgária (19,3%), Croácia (18,5%) e Romênia (18,1%).

Deve-se atentar ao fato de que como o mercado de trabalho exige cada vez mais maiores graus de escolaridade e habilidades, os jovens que são considerados como NEET acabam tendo uma maior dificuldade em encontrar um emprego por causa de sua menor escolaridade e falta de experiência profissional. (OECD, 2016)

Em 2015, ao considerar os jovens de todos os níveis de educação (*levels 0-8*)³, tem-se que 2.594.900 jovens do sexo masculino e 2.028.300 jovens do sexo feminino se encontravam desempregados na UE. Ou seja, o desemprego dos jovens (entre 15 a 24 anos) do sexo masculino era maior que do sexo feminino. Como já mencionado anteriormente, o desemprego é menor para aqueles que possuem maior escolaridade. Então analisando as informações do ano de 2015, referente aos níveis de escolaridade dos jovens por sexo, tem-se que: (GRÁFICO 5).

³ Consultar tabelas disponibilizadas pelo Eurostat nos Anexos B e C.

GRÁFICO 5 - ESCOLARIDADE X GÊNERO DOS JOVENS DA UE (%) - 2015



FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

O GRÁFICO 5 confirma o fato de que quanto maior a escolaridade, menor é o desemprego. Pois, a porcentagem das mulheres de 15 a 24 anos que possuem do nível 3 ao nível 8 de educação é relativamente maior que a dos homens com essa mesma faixa etária, justificando assim, o fato de que no ano de 2015 o número de jovens desempregados do sexo masculino foi maior que o do sexo feminino.

Conforme foi afirmado anteriormente, o grau de escolaridade dos jovens interfere de uma maneira significativa em seu grau de desemprego. Mas, ao comparar as informações contidas na TABELA 1 com a TABELA 5, foi notado que mesmo os jovens que possuíam um grau de escolaridade mais elevado, níveis de 5 a 8, também foram afetados pelo desemprego nos países que em 2015 tiveram um maior nível de desemprego dos jovens (Itália, Croácia, Espanha e Grécia).

TABELA 5 - NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DA UE POR ESCOLARIZAÇÃO (%) – 2015
(continua)

PAÍSES	NÍVEIS DE 0 A 2	NÍVEIS DE 3 A 4	NÍVEIS DE 5 A 8
União Europeia	28,0	18,1	15,4
Alemanha	11,4	4,7	4,4
Áustria	13,7	9,8	8,0
Bélgica	40,0	18,9	14,7
Bulgária	37,5	19,2	17,7
Chipre	48,4	32,2	29,8
Croácia	48,4	43,6	30,1

(continuação)

PAÍSES	NÍVEIS DE 0 A 2	NÍVEIS DE 3 A 4	NÍVEIS DE 5 A 8
Dinamarca	12,4	9,2	9,6
Eslováquia	59,5	22,6	23,5
Eslovênia	21,8	15,7	9,9
Espanha	56,3	45,0	35,9
Estônia	18,3	12,2	-
Finlândia	32,6	18,3	15,0
França	39,2	23,7	15,9
Grécia	50,3	50,0	48,8
Holanda	15,9	8,0	6,4
Hungria	32,0	13,9	11,3
Irlanda	35,7	21,1	12,3
Itália	46,9	38,1	34,4
Letônia	21,9	15,1	14,9
Lituânia	-	15,0	-
Luxemburgo	22,5	13,8	-
Malta	22,7	7,3	-
Polônia	29,1	20,3	17,0
Portugal	37,8	28,9	30,2
Reino Unido	27,6	13,5	8,8
República Tcheca	36,9	9,4	11,8
Romênia	19,9	22,4	23,2
Suécia	36,9	14,3	11,6

* Os países que o Eurostat não apresentou informações, foram preenchidos com um traço.
 FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

Com isso, percebe-se que o motivo deste desemprego não está apenas na qualificação dos jovens que estão ofertando as suas mãos-de-obra, mas está também na demanda do mercado, que segundo Hughes e Borbély-Pecze (2014), isso ocorre porque há uma discriminação por parte do empregador em relação aos jovens que estão entrando no mercado, pois estes possuem menos experiência de trabalho e, também, por causa da economia que está apresentando um crescimento lento do emprego.

Os jovens são, portanto, muitas vezes apanhados na “armadilha da experiência”, onde não têm experiência de trabalho para apresentar nas suas candidaturas a trabalho simplesmente porque ainda não conseguiram um emprego. (GENEBRA, 2012, p. 21)

Assim, deve-se ter uma maior atenção em relação à transição escola-trabalho, pois ao dar a oportunidade ao jovem para estudar e trabalhar – por meio de estágios, trabalhos sazonais ou de tempo parcial, cursos profissionalizantes ou qualquer outro

tipo de experiência que acrescentar no conhecimento e nas habilidades do jovem – a transição será mais tranquila. (HUGHES e BORBÉLY-PECZE, 2014)

Segundo o Bureau Internacional do Trabalho de Genebra (2012), um dos fatores que acabam influenciando a uma alta taxa de desemprego dos jovens europeus é o fato de que mesmo após encontrarem um emprego, os jovens, quando há a necessidade de as empresas fazerem cortes de seus funcionários, são os mais vulneráveis a serem demitidos que os adultos. Isso pode ocorrer porque os jovens possuem menos tempo de experiência (eles acabam sendo menos valorizados que os funcionários adultos).

Outro fator que acaba influenciando a alta taxa de desemprego dos jovens é o fato de que como as indenizações são pagas conforme o tempo que o funcionário tem de empresa, se torna mais barato demitir uma pessoa jovem que possui menos tempo de empresa que um antigo funcionário. Sendo que, como foi apresentado no Capítulo 2, uma das principais razões para a existência da histerese é o fato de que, por conta do alto valor das indenizações que devem ser pagas ao funcionário demitido, os empregadores acabam sendo mais críticos ao contratar um funcionário, fazendo com que aumente a quantidade de pessoas desempregadas. Então, estas altas indenizações acabam contribuindo com o desemprego dos jovens de duas maneiras: tornando-os mais “preferíveis” a serem demitidos perante a uma necessidade da empresa; e pelo fato de essas altas indenizações motivarem os empregadores a analisar a real necessidade de se fazer uma nova contratação.

4 MEDIDAS DA UNIÃO EUROPEIA PARA COMBATER O DESEMPREGO DOS JOVENS

O desemprego dos jovens acaba constituindo uma enorme subutilização desta mão-de-obra e contribuindo com uma crise social na Europa, impactando fortemente nas pessoas, em seus comportamentos, na sociedade e na economia. Os altos índices de desemprego que foram apresentados no Capítulo 3, podem acabar atrapalhando no longo prazo a perspectiva de emprego dos jovens. Isto acarretará em implicações preocupantes em relação ao crescimento e podendo gerar uma futura coesão social. Assim, a União Europeia tomou como prioridade estratégias para tentar aumentar o crescimento e a criação de empregos, ajudar os jovens a conquistar e desenvolver qualificações e competências que o irão preparar para um futuro emprego, ajudando assim, os jovens a entrar e principalmente se manterem no mercado de trabalho. (COMISSÃO EUROPEIA, 2013)

Deste modo, os países da UE vêm implementando várias medidas e políticas para tentarem solucionar o impasse que é a atual situação dos jovens. É necessário que sejam oferecidos para eles mais oportunidades para conquistarem uma carreira sólida e duradora e também, a criação de mais empregos. Para isso acontecer, os países devem disponibilizar mais cursos profissionalizantes e incentivar os jovens a realizá-los, conceder experiência profissional (através de estágios, programas de orientação e aconselhamento). Os países devem dar também, suporte aos jovens em relação à procura de empregos, conceder uma maior garantia, incentivar o empreendedorismo e o mais importante: preparar os jovens para a vida adulta. (HUGHES e BORBÉLY-PECZE, 2014)

A preparação para a vida adulta exige a exposição a horizontes profissionais, modelos a seguir e ao conhecimento do modo como diferentes profissões e carreiras progride, ao longo do tempo. A importância de proporcionar a todos os jovens um acesso compatível com a preparação eficaz para uma vida ativa bem-sucedida é fundamental. (HUGHES e BORBÉLY-PECZE, 2014, p. 10)

No ano de 2013, a Comissão Europeia se reuniu em Bruxelas para discutir a situação do desemprego dos jovens daquela época e traçar possíveis medidas e planos para melhorar essa situação nos anos que estariam por vir. Realizaram então, o “Apelo à ação contra o desemprego dos jovens”. Dentre as medidas apresentadas

neste relatório, destacam-se as seguintes: a implementação da iniciativa “Garantia para a Juventude”, colocar em prática a “Iniciativa para o Emprego dos Jovens”, apoiar a mobilidade da mão de obra dentro da UE, adotar medidas para facilitar a transição do ensino para o trabalho e adotar medidas para a criação de novos empregos, incentivando assim, a contratação dos jovens.

A “Garantia da Juventude” foi um pedido que a Comissão Europeia (2013) realizou aos países integrantes da UE, para que estes garantissem que todos os jovens tivessem uma boa formação educacional, estágio ou uma oferta de emprego de boa qualidade, dentro do prazo de quatro meses após o término dos seus estudos ou após se tornarem desempregados. Esta garantia deve-se cumprir através de políticas no mercado de trabalho, uma maior contribuição dos serviços públicos de emprego e um maior auxílio às aprendizagens e formações dos jovens.

A Comissão Europeia criou em 2012 a Iniciativa para o Emprego dos Jovens com o intuito de apoiar financeiramente as regiões e os jovens desempregados, principalmente os NEET. Esse auxílio foi financiado a partir de um orçamento da União Europeia no valor de seis bilhões de euros.

Como os europeus possuem livre circulação para estudar, trabalhar e morar em outros países pertencentes à União, a Comissão Europeia (2013) sugeriu que houvesse um maior incentivo para que os jovens fossem trabalhar em outros países membros da UE. Então, para auxiliar os jovens a seguir essa medida, a Comissão os incentiva por meio de financiamento de cursos de línguas, despesas de deslocamento e até mesmo colaborando na procura de emprego em outros países europeus. Esta medida acaba beneficiando tanto os jovens que estão procurando uma nova oportunidade de emprego, quanto aos empregadores de outros países da UE.

Outra medida que a Comissão Europeia (2013) sugeriu para que os países seguissem, foi a de tentar tornar mais fácil a transição dos estudos para o trabalho. Para isso, foram recomendadas reformas nos ensinamentos profissionais, de uma maneira que adequassem os jovens a se inserirem no mercado de trabalho e melhorando também, os sistemas de formação e educação. Além disso, foi ressaltado a importância dos estágios de alta qualidade que auxiliam os jovens a aprenderem na prática aquilo que haviam aprendido em aula.

Segundo a Comissão Europeia (2013), o desemprego dos jovens apenas irá diminuir, de uma maneira definitiva, se a economia conseguir gerar mais postos de trabalho. Assim, é fundamental que as empresas contratem os jovens e, mais

importante: que os mantenham empregados. Uma das medidas que devem ser tomadas para que isso ocorra é a diminuição das obrigações provenientes da contratação dos jovens e financiar as microempresas para auxiliar em seus desenvolvimentos, uma vez que estas empresas, segundo a Comissão (2013), são consideradas importantes impulsores da geração de empregos para os jovens.

Todas essas medidas que foram apresentadas em 2013 pela Comissão Europeia são de extrema importância, pois elas trazem alternativas que iriam atender o desemprego dos jovens de uma maneira que trariam resultados no curto e no longo prazo. E ao analisar a TABELA 1, tem-se que após o ano que o Apelo à ação contra o desemprego dos jovens foi realizado pela Comissão Europeia (2013), o índice de desemprego dos jovens da UE começou a diminuir. Sendo que no ano de 2013, 23,7% dos jovens da União Europeia se encontravam desempregados e este índice caiu para 22,4% em 2014 e para 20,3% em 2015. Então, mesmo que em alguns países, o desemprego dos jovens ainda se encontra alto, estes começaram a diminuir a partir de 2013. Ou seja, ainda há muito o que melhorar, mas estes resultados mostram que as medidas que foram propostas pela Comissão, e que foram aplicadas pelos países, estão sendo eficientes e estão trazendo bons resultados.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foram apresentados alguns fatores que acabam contribuindo com a alta taxa de desemprego dos jovens e alimentando a significativa diferença que existe entre o desemprego dos jovens com o dos adultos. Foi demonstrado também, as medidas que a Comissão Europeia sugeriu que fossem tomadas pelos países membros, em 2013, com a intenção de diminuir o desemprego dos jovens e os seus impactos sociais e econômicos que o desemprego acaba proporcionando. A partir do ano de 2013 o desemprego dos jovens começou a diminuir, mas em 2015 este continuava maior que o dos adultos. Mesmo com uma queda da taxa de desemprego dos jovens a partir do ano de 2013, países como Itália, Croácia, Espanha e Grécia apresentaram taxas de desemprego bastante expressivas no ano de 2015. Já Alemanha, Austria, Dinamarca e Holanda foram os países que apresentaram as menores taxas de desemprego dos jovens. Estas melhorias em diferentes proporções podem ser explicadas pelo fato de que estes países da UE estão em trajetórias econômicas diferentes, tanto de crescimento como de políticas que podem interferir para o desempenho do mercado de trabalho, ou até mesmo pelo fato de terem adotado as medidas que foram propostas pela Comissão.

Como foi discorrido no Capítulo 2 desta pesquisa, a teoria afirma que ao haver um aumento do PIB, o desemprego diminui e, conseqüentemente, o emprego aumenta. Mas, mesmo havendo um aumento da taxa de crescimento do PIB europeu em 2013 e uma diminuição da taxa de desemprego dos jovens, estas mudanças foram em proporções diferentes. Um dos possíveis motivos para que isto tenha ocorrido, é o fato de que as teorias tradicionais não levam em consideração a evolução tecnológica e o desemprego que ela pode causar. Então, sugere-se que seja feita uma futura pesquisa que relacione os avanços tecnológicos e os seus impactos no desemprego dos jovens europeus. Assim, deve-se acompanhar os resultados do PIB e do desemprego dos jovens nos próximos anos para concluir se essas mudanças vão se perdurar ao longo do tempo, fazendo que mais jovens entrem no mercado de trabalho e se desenvolvam profissionalmente.

REFERÊNCIAS

BEAN, Charles R.. European Unemployment: A Survey. **Journal Of Economic Literature**. Vol. XXXII. London School Of Economics, p. 573-619. jun. 1994.

BRUE, Stanley L.. **História do pensamento econômico**. 8. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. Tradução de: Luciana Penteado Miquelino.

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Comitê Econômico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões: Trabalhar juntos para os jovens europeus. Apelo à ação contra o desemprego dos jovens**. Bruxelas, 2013.

FERNANDES, Cláudia Monteiro. **Juventude em transição para o mundo do trabalho**. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FROYEN, Richard T.. **Macroeconomia: teorias e aplicações**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. Tradução de: Cecília Camargo Bartalotti.

GENEBRA, Bureau Internacional do trabalho. **A crise do emprego jovem: Tempo de agir**. Conferência Internacional do Trabalho. Relatório V. 2012.

HARVEY, David. **Para entender o Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013. Tradução de: Rubens Enderle.

HUGHES, Deirdre; BORBÉLY-PECZE, Tibor Bors. **Desemprego Jovem: Uma Crise Instalada**: O papel das políticas de orientação ao longo da vida na resposta à oferta e procura de trabalho. Lisboa: European Lifelong Guidance Policy Network, 2014. Programa de aprendizagem ao Longo da Vida. Disponível em: <<http://www.elqpn.eu/publications/browse-by-language/portuguese/desemprego-jovem-uma-crise-instalada-o-papel-das-politicas-de-orientacao-ao-longo-da-vida-na-resposta-a-oferta-e-procura-de-trabalho/>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

International Labour Office. **Global Employment Trends for Youth 2015: Scaling up investments in decent jobs for youth**. Geneva, 2015. ILO.

LILJEN, David M.; HALL, Robert E. Cyclical fluctuations in the labor market. **Handbook of Labor Economics**. Vol. 2. p. 1001-1035. dez. 1986.

MA, Ching-to Albert; WEISS, Andrew M. A signaling theory of unemployment. **European Economic Review**. Vol. 37. p. 135-157, 1993.

MARX, Karl. **O Capital**, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013. Tradução: Rubens Enderle.

OCIO, Domingo Z. **O Emprego na Teoria Econômica**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. Vol. 11. 1995.

OECD. **Society at a Glance 2014: OECD Social Indicators**, 2014. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/society-at-a-glance-2014_soc_glance-2014-en>. Acesso em: 21 mai. 2016.

OECD. **Society at a Glance 2016: OECD Social Indicators**, 2016. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/society-at-a-glance_19991290;jsessionid=h8r1fhopm7os5.x-oecd-live-03>. Acesso em: 01 nov. 2016.

PRONI, Marcelo W. **Teorias do desemprego: um guia de estudo**. Texto para Discussão. IE/Unicamp, Campinas, n.256, ago. 2015.

UNIÃO EUROPEIA. Eurostat. Escritório de Estatística da União Europeia. 2016. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/en/web/lfs/data/database>>. Acesso em: 14 set. 2016.

ZYLBERSTAJN, Hélio; NETO, Giacomio B. As Teorias de Desemprego e as Políticas Públicas de Emprego. **Estudos Econômicos**. Vol. 29. São Paulo, p. 129-149. jan. 1999.

ANEXO A – CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA UE (%)

ANEXO A – CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA UE (%)						
PAÍSES	2010	2011	2012	2013	2014	2015
União Europeia	2,1	1,7	-0,5	0,2	1,6	2,2
Alemanha	4,1	3,7	0,5	0,5	1,6	1,7
Áustria	1,9	2,8	0,7	0,1	0,6	1,0
Bélgica	2,7	1,8	0,1	-0,1	1,7	1,5
Bulgária	1,3	1,9	0,0	0,9	1,3	3,6
Chipre	1,3	0,3	-3,2	-6,0	-1,5	1,7
Croácia	-1,7	-0,3	-2,2	-1,1	-0,5	1,6
Dinamarca	1,6	1,2	-0,1	-0,2	1,3	1,0
Eslováquia	5,0	2,8	1,7	1,5	2,6	3,8
Eslovênia	1,2	0,6	-2,7	-1,1	3,1	2,3
Espanha	0,0	-1,0	-2,9	-1,7	1,4 (p)	3,2 (p)
Estônia	2,3	7,6	4,3	1,4	2,8	1,4
Finlândia	3,0	2,6	-1,4	-0,8	-0,7	0,2
França	2,0	2,1	0,2	0,6	0,6 (p)	1,3 (p)
Grécia	-5,5	-9,1 (p)	-7,3 (p)	-3,2 (p)	0,4 (p)	-0,2 (p)
Holanda	1,4	1,7	-1,1	-0,2	1,4	2,0 (p)
Hungria	0,7	1,7	-1,6	2,1	4,0	3,1
Irlanda	2,0	0,0	-1,1	1,1	8,5	26,3
Itália	1,7	0,6	-2,8	-1,7	0,1	0,7
Letônia	-3,8	6,2	4,0	2,9	2,1	2,7
Lituânia	1,6	6,0	3,8	3,5	3,5	1,8
Luxemburgo	5,8	2,0	0,0	4,2	4,7	3,5
Malta	3,5	1,8	2,9	4,5	3,5	6,2
Polônia	3,6	5,0	4,6	1,4	3,3	3,9
Portugal	1,9	-1,8	-4,0	-1,1	0,9	1,6 (p)
Reino Unido	1,9	1,5	1,3	1,9	3,1	2,2
República Tcheca	2,3	2,0	-0,8	-0,5	2,7	4,5
Romênia	-0,8	1,1	0,6	3,5	3,1	3,7 (p)
Suécia	6,0	2,7	-0,3	1,2	2,6	4,1

* (p) provisório.

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

**ANEXO B – NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO DA
UE POR ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015**

ANEXO B - NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO DA UE POR
ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015

PAÍSES	NÍVEIS DE 0 A 2	NÍVEIS DE 3 A 4	NÍVEIS DE 5 A 8
União Europeia	1.029,4	1.334,1	231,4
Alemanha	107,3	61,7	-
Áustria	13,7	15,7	3,5
Bélgica	20,7	24,8	6,6
Bulgária	5,9	16,1	-
Chipre	1,3	3,9	0,8
Croácia	2,9	36,3	-
Dinamarca	15,3	9,7	-
Eslováquia	7,3	24,5	-
Eslovênia	2,0	4,9	-
Espanha	246,8	106,5	50,8
Estônia	1,5	2,8	-
Finlândia	17,1	22,2	-
França	123,4	205,5	56,9
Grécia	15,3	46,0	5,6
Holanda	50,5	24,3	4,3
Hungria	13,8	19,6	-
Irlanda	6,3	14,9	2,6
Itália	131,2	221,1	8,0
Letônia	2,7	5,2	-
Lituânia	-	7,7	-
Luxemburgo	1,3	0,8	-
Malta	1,3	0,6	-
Polônia	31,1	127,8	12,0
Portugal	25,8	24,6	6,2
Reino Unido	111,7	208,5	51,0
República Tcheca	8,5	13,8	0,8
Romênia	28,3	52,1	-
Suécia	33,8	32,4	3,9

* Os países que o Eurostat não apresentou informações, foram preenchidos com um traço.

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.

**ANEXO C – NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO FEMININO DA
UE POR ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015**

ANEXO C - NÍVEL DE DESEMPREGO DOS JOVENS DO SEXO FEMININO DA UE POR
ESCOLARIZAÇÃO (MIL) – 2015

PAÍSES	NÍVEIS DE 0 A 2	NÍVEIS DE 3 A 4	NÍVEIS DE 5 A 8
União Europeia	660,5	1.071,2	296,6
Alemanha	70,7	46,4	5,5
Áustria	9,0	11,8	5,5
Bélgica	11,4	15,7	8,2
Bulgária	4,0	9,8	-
Chipre	-	2,4	3,4
Croácia	1,4	25,6	2,7
Dinamarca	11,7	8,6	-
Eslováquia	5,4	13,8	2,8
Eslovênia	0,7	3,5	-
Espanha	158,9	120,0	67,8
Estônia	-	1,6	-
Finlândia	15,0	16,5	-
França	69,9	167,6	52,1
Grécia	10,0	43,4	18,9
Holanda	46,0	26,2	5,7
Hungria	8,2	13,5	-
Irlanda	3,2	8,5	3,1
Itália	70,6	178,5	17,4
Letônia	-	2,5	1,9
Lituânia	-	4,8	-
Luxemburgo	1,0	0,5	-
Malta	0,6	0,4	-
Polônia	11,5	82,7	20,4
Portugal	18,4	30,8	12,3
Reino Unido	73,9	161,1	41,0
República Tcheca	5,4	12,5	2,6
Romênia	15,3	39,3	7,7
Suécia	35,1	23,4	5,3

* Os países que o Eurostat não apresentou informações, foram preenchidos com um traço.

FONTE: Eurostat (2016). Elaboração própria.